

E a cultura em Brasília?



Vai mal, obrigado

Se indefinição e interinidade continuarem sendo as palavras mais pronunciadas nos meios culturais brasilienses, a cidade viverá nos próximos meses seu mais triste verão.

Afinal, é de todos sabido que nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro, Brasília sofre esvaziamento cultural dos mais difíceis. Com o recesso parlamentar e as férias escolares, setores influentes no dia-a-dia da cidade tomam outros rumos. Não há estatísticas oficiais, mas tudo leva a crer que 10% dos brasilienses deixam a cidade. Como estes 10% são formados, em grande parte, por consumidores de arte, os produtores — de fora e locais — ficam temerosos. Vale a pena estrear um espetáculo neste período de esvaziamento?

Por entenderem que não, os produtores cariocas e paulistas só reservam data

nos melhores teatros da cidade para o mês de março, quando as universidades voltam a funcionar e o Congresso está a pleno vapor.

Já os produtores culturais brasilienses estão se esforçando, apesar da falta de interlocutores na Secretaria de Cultura e na Fundação Cultural, para montar projetos capazes de agitar o verão.

Adriano Guimarães, 25 anos, diretor da produtora Gabinete Três e membro atuante da Aoac (Associação de Produtores de Arte e Cultura), diz que sua entidade vai procurar o secretário interino da Cultura, Renato Riella, para discutir com ele a Campanha de Popularização do Teatro, marcada para o período de 17 de janeiro a 26 de fevereiro.

— Estamos sabendo, diz Adriano, que a atual diretoria-executiva da Fundação Cultural está plane-

jando fechar o Teatro Nacional por um mês. Isto é um contra-senso. Para a Campanha de Popularização do Teatro, necessitamos de espaço como a Sala Villalobos, a Martins Penna, entre outras administradas pela FCDF. E vamos solicitá-lo ao secretário Renato Riella.

A Campanha de Popularização do Teatro apresentará, durante 40 dias, dez espetáculos, sendo dois de dança (*Amor Bruxo* e *Quando Somem as Borboletas*); dois infantis (*Lenda do Vale da Lua* e *O Beljo da Lua e do Sol*) e seis para adultos (*Florbela Espanca*, *Os Palhaços*, *Esperando Godot*, *A Construção*, *Miquéias Paz* e *Abigail é Mais Velha que Procópio*). Para que estes dez espetáculos sejam vistos (a preços populares, graças ao apoio da Fundação Nacional de Artes Cênicas), os produtores brasilienses necessitam de vários teatros.

lienses necessitam de vários teatros.

SÍNDROME

A Fundação Cultural, durante as gestões de Luiz Humberto e Reynaldo Jardim, procurou desenvolver projetos especiais para enfrentar a "síndrome do verão" brasiliense. A falta de continuidade, porém, ameaça, neste momento, a capital da República. Na Fundação Cultural, ninguém sabe dizer se há algum projeto arquitetado ou em fase de preparação.

Na manhã de ontem, o **CORREIO BRAZILIENSE** procurou o diretor-executivo, Marios Nobre, e sua chefe de gabinete e diretora de promoções culturais, Maria Luisa Nobre, para saber da existência ou não de tais projetos e das razões do anunciado fechamento do Teatro Nacional.

Nenhum dos dois estava na Fundação. A secretária não soube — ou não quis — dizer onde seria possível encontrá-los.

Com a indefinição que paira sobre a pirâmide de Niemeyer, sede da administração cultural brasiliense, está difícil planejar. José Damata, 36 anos, programador do Cine Brasília, avisa que não preparou projeto especial para o verão cinematográfico da cidade, pois nem sabe se permanecerá na função que ocupa.

— Chegamos a planejar uma mostra especial, intitulada *O Cinema nos Anos JK*. Tornou-se, porém, muito oneroso e difícil executá-lo, devido ao quadro de indefinição que se abateu sobre a instituição. O jeito, então, foi programar filmes isolados entre si. Se um deles tiver que ser cancelado, não haverá problema.

Por isto, os meses de ja-

neiro e fevereiro, no Cine Brasília, serão ocupados com os seguintes títulos: *Blade Runner, o Caçador de Andróides*, de Ridley Scott (de 2 a 8 de janeiro); *Hamlet*, de Lawrence Olivier (9 a 15); *Atrás daquela Porta*, de Lilliana Cavani (16 a 22); *Identificação de uma Mulher*, de Antonioni (23 a 29); *História de Píera*, de Marco Ferreri (30 de janeiro a 12 de fevereiro); *Ladrões de Bicicleta*, de Vittorio de Sica (13 a 19) e *Malpetuis*, de Harry Kumel (de 20 a 25).

MAMBEMBÃO

A Fundacen, graças à continuidade mantida por suas administrações, dá sequência a projetos consagrados como o *Mambembão* (nos anos em que o projeto sai do ar, a falta de recursos financeiros é causa única).

Guilherme Cabral, 55

anos, representante da Fundacen em Brasília, avisa que de 15 de janeiro a 15 de março, cinco ou seis grupos teatrais de vários estados brasileiros (exceto Rio e São Paulo, já que a idéia do projeto é mostrar o que se faz fora do eixo) se apresentarão nos teatros do Centro de Convenções (Aluísio Batata e Aloísio Magalhães). Por enquanto, diz ele, estão acertadas as presenças do Grupo Experiência, do Pará; o Giramundo, de Belo Horizonte; o Mamulengo Só-Riso, de Recife, e o Grupo de Campina Grande Paraíba, que trará dois espetáculos: *Tropeiros da Borborema* e *As Velhas*.

Por enquanto, a Fundacen é o único organismo que tem projetos palpáveis e já testados pelo público para apresentar ao brasiliense, nesta hora em que se vê ameaçado pela síndrome do verão.